

Secalharidade como ética e como modo de vida: o projeto AND_Lab¹ e a investigação das práticas de encontro e de manuseamento coletivo do viver juntos²

João Fiadeiro³ e Fernanda Eugenio⁴

Resumo

Partilhamos aqui dois extratos do discurso que sustenta o projeto AND_Lab, um laboratório de investigação que emergiu do encontro não-marcado entre um coreógrafo e uma antropóloga: 1) um trecho do manifesto que escrevemos juntos na inauguração do AND_Lab e 2) uma parte da conferência-performance “Secalharidade”, conceito que nomeia, justamente, o modo de operar e habitar paisagens comuns que se desenhou na contaminação recíproca entre nossos conceitos e procedimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Ética, comunidade, acontecimento.

Abstract

We are sharing here two extracts of the discourse that supports the AND_Lab project, a research laboratory that emerged from the unanticipated encounter between a choreographer and an anthropologist: 1) a segment of the manifest we wrote together for the opening of the AND_LAB and 2) a part of the text used in the lecture-performance “Mayhapness”, which is a concept nominating the mode of manoeuvring and inhabiting common landscapes that designed itself within the reciprocal contamination between our concepts and procedures.

KEYWORDS: Ethics, community, event.

¹ www.re-al.org/ and andlab@re-al.org

² O percurso de João Fiadeiro têm-no levado a aproximar-se da investigação através da arte e a distanciar-se, a uma velocidade proporcional, da criação coreográfica. Este movimento, que ganha agora uma dimensão mais formal com a sua colaboração regular com disciplinas como as Ciências dos Sistemas Complexos, a Neurociência ou a Antropologia, esteve sempre latente quer na sua prática enquanto artista, como na forma como desenhou a RE.AL – estrutura que fundou em 1990 – à volta de projetos transversais e laboratoriais. Em qualquer dos casos a sua ambição foi sempre investigar, questionar e experimentar modalidades do “como viver juntos”. E é exatamente essa questão que o leva a encontrar a antropóloga Fernanda Eugénio – pós-doutoranda pelo ICS da Universidade de Lisboa, doutora e mestre pelo Museu Nacional da UFRJ –, que, por sua vez, se tem aproximado das artes performativas na sequência de uma crescente inquietação em relação à onipresença do interpretativismo relativista nas práticas de produção discursiva das Ciências Sociais e àquilo que começou, cada vez mais, a lhe parecer uma neutralização da vivência etnográfica na coerência explicativa do texto e na função-autor assumida pelo investigador.

³ Pesquisador, dançarino e coreógrafo. Iniciou a sua atividade coreográfica em 1989 para o XII Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian. Desde 1997 tem sido convidado para ensinar ou orientar ateliers de pesquisa em Composição em Tempo Real em diversas instituições nacionais e estrangeiras. Vive em Lisboa e coordena o Atelier Real, onde coordena atualmente o Projeto AND_Lab - Anthropology 'n' Dance - Artistic Research and Scientific Creativity - simultaneamente um centro de investigação, um espaço de convivência e formação, a criação de um objeto cênico e a escrita de um livro.

⁴ Fernanda Eugenio (Fernanda Eugenio Machado) é pós-doutoranda pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e doutora em Antropologia Social pela UFRJ. Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e Política da PUC/Rio e pesquisadora Associada do Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESAP) da UCAM. Formada em Dança Contemporânea pela Escola Angel Vianna (RJ), vem desenvolvendo pesquisas em antropologia da arte, investigando as aproximações entre a etnografia e a dança contemporânea. Atualmente, vive em Lisboa e colabora com o criador português João Fiadeiro no Projeto AND_Lab - Anthropology 'n' Dance - Artistic Research and Scientific Creativity. Publicou o livro “Corruptelas o livroblog” (Multifoco, 2007).

Chamamos “secalharidade” a um modo de relação que assenta na substituição do sujeito, do controle e da manipulação, por uma ética do manuseamento suficiente, que transfere para o próprio ato do encontro (e para o acontecimento que daí emerge) a capacidade de fornecer a medida justa, a cada vez, para o nosso posicionamento recíproco. Neste modo de relação, cabe-nos a responsabilidade de gerir (e não de gerar) o nosso plano comum, disponibilizando-nos a uma “assistência não expectante”, desarmada do eu e atenta ao outro.

“Secalharidade” também nomeia a prática de improvisação e criação coletiva de paisagens de convivência, resultante do encontro entre o método de Composição em Tempo Real desenvolvido pelo coreógrafo João Fiadeiro e a etnografia como ferramenta para performances situadas da antropóloga Fernanda Eugenio.

Cada qual a seu modo, a dança e a antropologia vêm-se interrogando, hoje, sobre seus habituais contra-discursos de resistência à cinética moderna – sobre a suficiência destes em produzir e dar a ver o encontro criativo, a relação com o outro, a convivência e a colaboração. Oferecem-se, assim, hoje, como perspectivas privilegiadas para pensar e operacionalizar ferramentas conceituais e práticas mais precisas para visibilizar uma “ética do comum”, investigar formas de criatividade já não assentes na identidade radical do sujeito, do autor ou do artista, e lidar francamente com a questão do “viver juntos”. Hoje, em várias frentes em simultâneo, emerge na antropologia um interesse por levar a sério as consequências da dimensão de encontro que caracteriza o deslocamento etnográfico. E, num movimento correlativo, podemos acompanhar na dança um percurso que se vem dirigindo simultaneamente ao questionamento da representação (a dramaturgia como linha de sentido) e do relativismo (seja o da equivalência generalizada de procedimentos e conteúdos ou o da improvisação entendida como impulso livre), situando também no encontro e na relação a possibilidade de estabelecer outras vias de atuação.

É dentro desta paisagem de inquietação que, a partir da força de um “encontro não-marcado” que já vinha sendo explorado informalmente desde que nos conhecemos – no contexto da Bienal Internacional de Dança do Ceará, em 2009 – decidimos em 2011 colocar em marcha o projeto AND_Lab, uma experiência de “etnografia recíproca”, onde pudéssemos explorar as contaminações entre nossos métodos de trabalho, nossas ferramentas e nossos conceitos, bem como abrimo-nos à partilha e à troca com outros investigadores ocupados com a questão do “viver juntos”. Neste projeto buscamos simultaneamente desativar a hierarquia moderna entre investigador e investigado e a simetriação pós-moderna entre ambos – para ativar, no lugar, a hipótese de sermos todos investigadores, bem como a hipótese da investigação ser capaz de gerar, sistematicamente e de modo imanente, o próprio território a ser investigado. Para isso, acionamos como funcionamento não o diálogo entre duas posições ou duas áreas – a dança, a antropologia – mas sim o “metálogo”, ou seja, a conversação entre diferenças de procedimento e operação que, por seguirem se diferenciando na medida do colocar e recolocar de problemas, façam emergir o encontro como relevo acidentado. Investigação do território comum, deste entre-ter que cresce e se propaga como *meio*. Não meio-termo, mas meio-ambiente.

AND_Lab: do projeto-piloto ao centro de investigação

No escopo deste artigo, gostaríamos de partilhar dois momentos-chave do processo de implementação do AND_Lab como centro de investigação artística e criatividade científica, a operar como plataforma de partilha de procedimentos, operações e modos de fazer-problema, vindos tanto da arte como da ciência, na relação-tensão entre política, ética e cotidiano.

A inauguração das atividades do AND_Lab, em setembro de 2011 no Atelier Real, dá-se tendo como rastilho a escrita do manifesto *Dos modos de re-existência: um*

outro mundo possível, a secalharidade. Neste momento o AND_Lab emerge como projeto-piloto, ocupado com um programa de formação, investigação e partilha que, durante um ano, nos levaria a experimentar as várias gradações do encontro, bem como a produzir as condições para a investigação, a sistematização e a partilha das ferramentas-conceito e do modo operativo da “secalharidade”.

Nossa ambição era ativar um *lugar comum*, ou seja, um lugar de “des-autorização”, onde noções dadas como adquiridas (“território” ou “autoria”, por exemplo) pudessem ser questionadas. Um lugar no qual pessoas de diferentes proveniências, graus de experiência e interesses se pudessem juntar de forma a se envolverem na discussão e na experimentação de noções transversais à arte, à vida e à política, tais como as de relação, acontecimento, decisão, auto-organização, comunidade, cooperação, colaboração etc.

Nessa dimensão piloto, o projeto funcionava também como “dobra” para uma mudança de paradigma efetiva na trajetória de mais de 20 anos de João Fiadeiro na dança, e da sua estrutura RE.AL. A própria emergência do AND_Lab como projeto na intersecção entre arte e vida sinalizava o esgotamento do formato anterior, de algum modo ainda ligado a uma lógica mais autoral e mais exclusivista da dança como campo. Este redirecionamento já vinha marcando o trabalho de João Fiadeiro há muitos anos: quase sem querer (como todas as descobertas de valor) e camuflado no espaço ficcional proporcionado pela arte, seu método de Composição em Tempo Real se foi desenvolvendo como ferramenta aberta e de aplicação transversal. A partir da experiência com a improvisação e a composição praticadas na dança contemporânea, a CTR foi entretanto tomando a direção de um estudo minucioso e meticuloso dos processos de decisão, auto-organização e colaboração no espaço “laboratorial” proporcionado pelo atelier de trabalho. Forjou-se assim, aos poucos, toda uma nova rede de cumplicidades e parcerias ao nível da investigação artística e científica, bem

como um reposicionamento cada vez mais estruturado de João perante sua própria comunidade. Tendo deixado de coreografar em 2007 para dedicar-se ao “artesanato” da CTR, era tempo, entretanto, de retornar com os resultados já amadurecidos deste esforço a um plano de visibilidade e partilha mais estável.

Assim, se por um lado o manifesto marcou o início da fase piloto do AND_Lab, o outro texto que gostaríamos de partilhar neste espaço sinaliza justamente o cumprimento da “dobra” a que nos referimos acima. Após um processo intenso, que se estendeu de setembro de 2011 a junho de 2012, a fase piloto do AND_Lab já contava com iniciativas variadas de partilha e transmissão: cursos com gradações que iam dos três dias aos três meses, passando por diversas outras durações, entre as três semanas, as duas semanas e os dois meses; conferências, encontros abertos, sessões avulsas, apresentações formais e informais etc. Havíamos também acumulado todo o material que servirá de base à sistematização tanto das ferramentas-conceito quanto do modo operativo de nosso trabalho, sob a forma de áudio, vídeo, registro fotográfico, anotação e verbetes. Para além, nos meses finais da fase piloto, mergulhamos na criação de um objeto de partilha no formato da conferência-performance, que apresentamos no Festival Alcantara 2012, em Lisboa. É deste objeto, a conferência-performance a que demos o nome de *Secalharidade*, que extraímos o outro texto que partilhamos convosco no escopo deste artigo.

Trecho selecionado do manifesto AND_Lab

O regime do “e, e, e...”:
a des-cisão e a re-existência

Mas... e se imaginássemos um outro mundo possível? Um terceiro regime sensível, nem complementar nem simétrico? Um mundo em que existir não fosse reproduzir ou rebelar, e em que resistir não consistisse no cancelamento da relação? Um modo de vida em que a coisa toda não

se resumisse à certeza ou à alternância, ao sonho com a concordância consensual ou à omissão indiferente?

Um mundo no qual a diferença não fosse identitariamente congelada, como no regime moderno, mas tão pouco fosse cancelada na indiferença do “tudo pode” pós-moderno. Um mundo no qual a diferença pudesse se propagar em sua *assimetria infinitesimal*, sem ser oferecida em sacrifício para que haja encontro, e no qual tão pouco o encontro precisasse ser sacrificado para que houvesse simetria? Um mundo “dis-sensual” (Rancière, 2010a e 2010b), em que o viver juntos fosse feito do cromatismo microscópico dos ritmos singulares? Fantasia de *idiorritmia* (Barthes, 2003), de comunidade, “devir-minoritário” (Deleuze e Guattari, 1980) que circula e circulou *entre* os dois outros regimes, ativando-se aqui e ali, na maior parte das vezes de modo fugaz, bacteriano e invisível. Fantasia de torná-lo habitação, de o visibilizar numa *ética do suficiente* (não do necessário, muito menos do compulsório) em relação à proclamação do Eu. Um mundo que se inaugura não a partir da cisão, mas do esforço por perpetuar a relação ou a “des-cisão” produzindo como plano comum de atuação o Acontecimento.

Eis uma terceira imagem do pensamento – e da ação, que neste caso não se opõem: a da reciprocidade. Uma terceira imagem não assentada no pressuposto da entidade, da espécie, do contorno prévio ao encontro, mas na qual arriscamo-nos a experimentar com as gradações da relação, com a diferencialidade da diferença: e, e, e... Um modo de vida em que não temos de escolher entre a existência conformada ou a resistência dos libertarismos tiranos, onde temos de nos aplicar a um rigoroso (mas não rígido) trabalho de *re-materialização* (Latour 2005, 2008) de ambos os movimentos na operação da “des-cisão”: decisão de des-cindir, de prescindir do entitarismo, da certeza (ou da desesperada busca pela certeza perdida pós-moderna) de que “sou” como condição para o encontro. Re-existir a cada encontro, *ser a consequência, e não a causa, da relação*.

E isto porque nos parece que resistir,

se não for re-existir, não atinge a relatividade: morre no relativismo. Não atinge a relação, morre na compulsorização da interatividade ou na trincheira da negação inconformista. Se o propósito positivo é a continuidade vital, então falemos antes em re-existência, em *resiliência*: a força flexível da fragilidade adaptativa, que reside na explicitação molecular e na aceitação re-inventiva, no lidar com “o que se tem” mais do que na insistência rígida da negação ou na desistência indiferente do consentimento.

Este é um problema que atravessa as práticas artísticas e a vida em comunidade. Acioná-lo e frequentá-lo nos coloca para além de uma lógica setorial a delimitar áreas de conhecimento e campos artísticos, e nos devolve a *awareness* ética e política de que “fazemos nossos próprios fatos e estes nos fazem em retorno” (Latour, 2002) – de maneira que podemos e devemos nos responsabilizar por nossos modos de viver juntos e nossos modos de criar mundo. Não há espectadores; não há artistas, somos todos (quer assumamos a responsabilidade ou não) artesãos do nosso próprio convívio.

Investigar um outro mundo possível: a emergência da secalharidade

Será neste lugar-questão que se situará o presente projeto de investigação: nas afinidades entre os modos de “fazer problema” da antropologia contemporânea praticada por Fernanda Eugenio e das questões suscitadas pelo método de Composição em Tempo Real desenvolvido por João Fiadeiro.

O projeto (tal como acontece com este texto) adota a forma do *metálogo* (Bateson, 1972) – do pensar-fazer do próprio através do pensar-fazer do outro, contaminação e reinvenção cruzada de problemas, questões e modos de funcionamento. O *metálogo*: deslocar para existir (eis o re-existir), empenho na manutenção e na propagação da abertura e do *dissenso*; recusa à concordância desejavelmente conclusiva do diálogo. Uma investigação sobre a existên-

cia/resistência entendida e vivida como re-existência. Portanto, não como ato de “colocar-se contra”, mas como ato de “colocar-se com”. Daí a importância crucial de se alargar a compreensão do que seja uma composição: muito claramente, um “pôr-se com” o outro, a posição de cada agente dada pela relação com os demais, a posição *conseqüente*, a “com-posição”.

Será uma proposta de habitação colaborativa: a da investigação sobre modos de operacionalizar um mundo outro que não o da cinética moderna e pós-moderna da mobilização infinita. O que envolve, antes de mais, um enorme esforço por retroceder da Ação e do Eu, um esforço por estancar o imediatismo impulsivo de conhecer e saber “o que aquilo é”. Um esforço “subtrativo”: subtração (Deleuze, 2010) do Eu e do Porquê (da fixação pelo significado, em sua forma explicativa ou interpretativa) a fim de extrair o retorno à simplicidade do “direito de seguir”, ou seja, do sentido entendido tão somente como direção emergente e não-teleológica.

Um esforço, então, por colocar como pergunta primeira a explicitação do que “temos” mutuamente para oferecer, a cada vez, como matéria da relação.

Orienta o nosso projeto um empenho por reformular a pergunta, na confiança de que um mundo novo não se inaugura quando encontramos respostas, mas quando mudamos as perguntas. Não perguntar pelo Ser – “o que é que isto é?” –, mas pelo Ter (Tarde, 2003) – “o que é que isto tem?” Trabalhar para tornar visíveis as *affordances* (Gibson, 1977; 1979) – as propriedades-possibilidades que convidam ao encaixe relacional contingente – é, assim, também um esforço por não operar nem indutiva nem dedutivamente, mas *abdutivamente* (Ginzburg, 1999). Um esforço por retroceder do que é vidente (o evidente) e abrir intervalo para que se traga à superfície aquilo que o vidente obscurece (ou “obvia”).

O “motor” deste funcionamento é, assim, a *pausa*: não a cinética incansável do *to understand*, mas a sua inibição, desafio de permanecer no adiamento da ação, no intervalo do *stand*.

Nesta velocidade que não é movimento, a criação encontra um território inteiramente outro para fixar o seu sentido: nem criação no sentido bíblico (a partir do zero fazer o “é”), nem no sentido romântico (a partir do “é” do artista fazer, por capricho, o “zero”). Mas criação como *estigmergia*: trabalho coletivo, sem sujeito e sem objeto; trabalho ilimitado de re-materialização daquilo que emerge da relação; trabalho com o que se tem a cada vez e com o que fica, com as marcas e os rastros do viver juntos. Trabalho no qual ocupamo-nos tão somente em *distrairmo-nos* suficientemente do Eu para ativar a atenção ao entorno e ao manusear não manipulativo dos encaixes possíveis, à calibragem fina entre o persistir e o desistir para, então, re-existir.

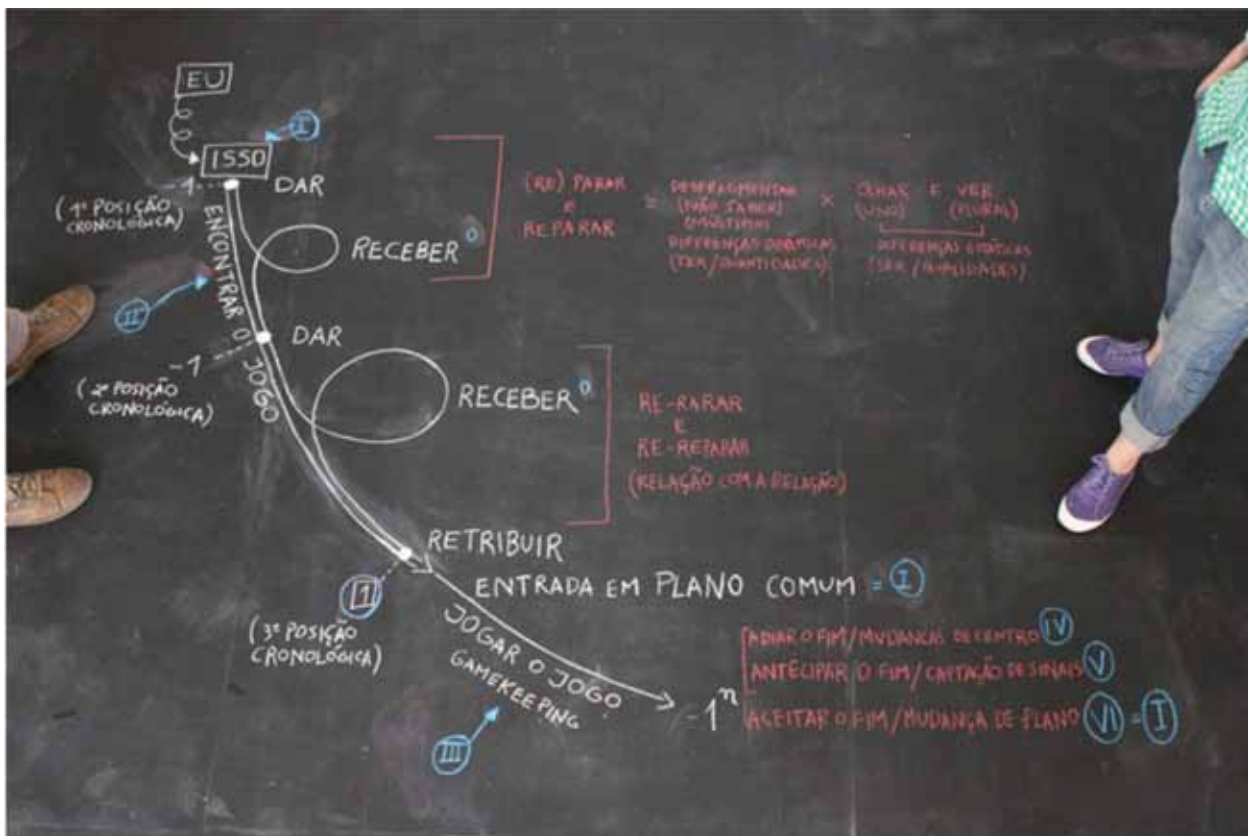
Criação que emerge porque nos abstermos do controle e do protagonismo e disponibilizamo-nos enquanto ferramentas “menores”, enquanto *gamekeepers* do “desenho cego” do Acontecimento. Criação, assim, como *autopoiesis* (Maturana e Varela, 1980) do comum. Como *serendipidade* – encontrar aquilo que não se buscava, que não se sabia, que não se desejava, que não foi criado por nenhum autor em particular, mas que é feito dos encontros em rede de ilimitados contributos anônimos (sem nome, sem Eu). Encontrar aquilo que “caihou” ou aconteceu.

Esta é, assim, uma investigação sobre um outro mundo possível, nem o da modernidade nem o da pós-modernidade. Talvez, quem sabe, o da *Secalharidade*.

Trecho selecionado da conferência-performance *Secalharidade*

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva.

O encontro só é mesmo encontro quando a sua aparição acidental é percebida como oferta, aceite e retribuída. Dessa implicação recíproca emerge um *meio*, um *am-*



O DIAGRAMA DA “SECALHARIDADE”: manusear e sustentar, em ato e a cada vez, a regulação imanente do viver juntos (2012). FOTO: Daniel Pizamiglio/Acervo AND_Lab

biente mínimo cuja duração se irá, aos poucos, desenhando, marcando e inscrevendo como paisagem comum. O encontro, então, só se efetua – só termina de emergir e começa a acontecer – se for reparado e consecutivamente contra-efetuado – isto é, assistido, manuseado, cuidado, (re)feito a cada vez in-terminável.

Muitos acidentes que se poderiam tornar encontro, não chegam a cumprir o seu potencial porque, quando despontam, são tão precipitadamente decifrados, anexados àquilo que já sabemos e às respostas que já temos, que a nossa existência segue sem abalo na sua cinética infinita: não os notamos como inquietação, como oportunidade para reformular perguntas, como ocasião para refundar modos de operar.

Com o pressuposto de que primeiro é preciso saber para depois agir, raramente paramos para reparar no acidente: mal ele nos apanha, tendemos a bloquear a sua manifestação ainda precária e incipiente. Recuamos com o corpo e avançamos com o “olhar” – que julga apenas constatar “objetivamente” o que lá está – ou com o “ver”,

que parte da premissa de que há um sentido por detrás das coisas, a ser interpretado “subjetivamente”. Num ou noutro caso, chega-se cedo demais com um saber – lei ou ponto de vista, uno ou plural: ambos manipulação. Ambos versões de uma mesma cisão entre sujeito e objeto, a repartir por decreto o que pode e o que não pode cada um destes entes. A setorizar no sujeito, de modo unilateral, toda a capacidade de agência e de produção de sentido, assim como todo o direito de legislar sobre o objeto para fins de diagnóstico, controle, classificação, pacificação do espírito, etc. Tornado objeto, o acidente é também cancelado na sua inclinação e potência de afetação cabendo, à força, numa certeza ou num “achar”. E assim se vai existindo. “Achando” antes de se encontrar.

Sendo esta a lógica dominante a operar no nosso quotidiano – a do desespero e não a da espera; a da urgência e não a da emergência, a da certeza e não a da confiança – um acidente ; só é experimentado como tal se tiver a força de uma catástrofe. Se for tão desproporcional na sua diferença, na sua

discrepância em relação à nossa expectativa e aos nossos instrumentos de decifração e interpretação, a ponto de se antecipar e se sobrepôr ao decreto de objetivação, levando-nos, num só folgo, de sujeitos a sujeitos. Então não o conseguimos ignorar nem o domesticar: ele, simplesmente, cai-nos em cima. Mas o que é trágico, é que mesmo este acidente-catástrofe, tão pouco tende a ser vivido como encontro, já que a cisão entre sujeito e objeto preserva-se, apenas se invertem os seus sinais. Destituídos do controle que julgávamos nos pertencer de direito, paralisamos-nos ultrajados diante da súbita soberania do acidente. Entramos em crise, colocamos tudo em dúvida; culpamos os deuses, os pais, o estado, o país. Em desespero, precipitamo-nos para a arbitrariedade do “tanto faz” ou para a prepotência do “tudo pode”: pomos-nos a *resistir*. E se mesmo assim não funcionar, pior ainda, pomos-nos a *desistir*.

Só que aí já é tarde – nem o saber se aplica mais, nem os “achismos” nos salvam, nem nos abrimos à estimativa recíproca, perdendo assim a oportunidade de experimentar “ao que sabe” o encontro. Já não detemos o controle e muito menos as certezas que o amparavam. Já claramente não somos nós quem *decide*. Entretanto, como se nos tivéssemos esquecido de sincronizar os nossos pressupostos à atualização do mundo, permanecemos reféns do decreto que nos dava a ilusão de decidir. E é aqui que está o nó: não em termos perdido o “poder de *decisão*” (será que alguma vez o tivemos?), mas em sermos incapazes de tomar uma “*des-cisão*”, de revogar o decreto da cisão.

O mundo em que vivemos hoje é justamente este: aquele em que já percebemos que não podemos decidir, mas ainda não aprendemos a *des-cindir*. Um mundo em que, atônitos, nos sentimos consecutivamente apanhados por acidente atrás de acidente, crise atrás de crise, incerteza atrás de incerteza. Apanhados pela exasperada sensação de que “já é tarde”. “Já é tarde” para insistir na ficção de que detemos o controle. “Já é tarde” para insistir na negação das disparidades, dos conflitos,

das discordâncias, das intransigências, dos equívocos tornados lei. “Já é tarde” para insistir em viver “como se” o consenso fosse possível ou mesmo desejável. Para insistir numa *existência* inabalável, que pretende saber por antecipação, apoiada num nexo apriorístico e transcendente: a cada coisa o seu nome, o seu enquadramento, a sua regularidade; nenhum susto ou risco, tudo explicado, tudo previsto. E isso, tudo isto, já não se sustenta mais.

Mas se já não há como prosseguir numa *existência* acomodada, na pacata desimplicação do “tá-se bem”, também “já é tarde” tanto para a *resistência* como para a *desistência*: fica cada vez mais claro que não há “saída” nem “solução” a partir dessas duas maneiras de nos *desresponsabilizarmos*.

E, talvez por isso, seja este o momento justo para estancar o desespero e reparar no que há à volta. Suspender o regime da urgência, criando as condições para uma abertura desarmada e responsável à emergência. Substituir a expectativa pela espera, a certeza pela confiança, a queixa pelo empenho, a acusação pela participação, a rigidez pelo rigor, o escape pelo comparecimento, a competição pela cooperação, a eficiência pela suficiência, o necessário pelo preciso, o condicionamento pela condição, o poder pela força, o abuso pelo uso, a manipulação pelo manuseamento, o descartar pelo reparar. Reparar no que se tem, fazer com o que se tem. E acolher o que emerge como acontecimento. Reencontrar, naquela matéria simples e quotidiana em relação à qual aprendemos a nos insensibilizar – a matéria da “secalharidade” – reencontrar aí, nesse comparecer recíproco, toda uma multiplicidade de vias contingentes para abrir uma brecha. Uma brecha para a *re-existência*.

De forma a explorar essa brecha é preciso abdicar das respostas, largar a obstinação por se definir o que as coisas “são”, o que “significam”, o que “querem dizer”, o que “representam”. Deixar de lado a obsessão pelas causas, pelos motivos, pelas razões, e a procura insaciável por identificar e acusar culpados, por fortalecer o lamento

- enquanto, impávidas, as consequências vão seguindo os seus rumos. É preciso, justamente, ativar um trabalho com as consequências, empenhado em assistir e rastrear no óbvio as oportunidades para entrar em *plano comum*.

Se há alguma razão no encontro, não é a das causas e a dos sentidos, mas a razão - o *ratio* - das distâncias que o *com-põe* enquanto modulação distributiva de diferenças dinâmicas, autônomas porque co-dependentes. É este tipo de "razão" que aparece quando nos envolvemos na estimativa das variantes em jogo, no cálculo infinitesimal dos encaixes e das proporções suficientes.

Isso só pode ser feito se revogarmos os escudos protetores seja do sujeito seja do objeto e se largarmos os contornos pré-definidos do eu e do outro. Isso só pode ser feito se não avançarmos de imediato com a vertigem do *desvendamento* ou com a tirania da espontaneidade, encontrando tempo dentro do próprio tempo das coisas. Um tempo que já lá está, entre o estímulo e a resposta, mas que desperdiçamos na veracidade com que cedemos ao medo e recaímos no hábito, nas respostas prontas ou numa reação impulsiva qualquer, apenas para saciar o desespero de não saber. Isso só pode ser feito se abirmos mão do protagonismo, transferindo-o para esse lugar "terceiro", impuro e precário, que se instala a meio caminho no cruzamento das inclinações recíprocas: o acontecimento.

Se nos dermos esse tempo, esse silêncio, essa brecha; se suportarmos manter a ferida aberta, se suportarmos simplesmente *(re)parar* - voltar a parar para reparar no óbvio até que ele se "desobvie" - então, eis que o encontro se apresenta e nos convida, na sua complexidade embrulhada em simplicidade.

Encontrar é ir "ter com". É um "entretar" que envolve *desdobrar* a estranheza que a súbita aparição do imprevisto nos traz. *Desdobrar* o que ela "tem" e, ao mesmo tempo, o que nós temos a lhe oferecer em retorno. *Desfragmentar*, nas suas miudezas, as quantidades de diferença inesperadamente postas em relação. Retroceder

do *fragmento* (parte de um todo) ao *fractal* (todo de uma parte).

Relação: encaixe situado entre possibilidades *compossíveis* que co-incidentem.

Relação de relações: uma tendência, um percurso, um acontecimento que só dura enquanto não "é", que só dura enquanto *re-existimos* com ele.

Viver juntos é, tão somente, adiar o fim.

Considerações Finais

Convocar alguém para uma "participação" envolve ampliar a membrana do pequeno grupo e abrimo-nos a uma conversa sobre os modos de estarmos juntos, na partilha das responsabilidades pelo gerir do nosso próprio entorno.

Mas como usar o que temos para desenhar um território de "participação" franco e recíproco, quando o que temos são mecanismos de poder que escoam quase irresistivelmente para a representação, a demonstração ou a exposição? E estes, a primeira coisa que fazem é imobilizar o outro, em algum grau, na condição de objeto, retirar-lhe a agência e a responsabilidade, cancelar o convite a ele recém-endereçado, organizar o "evento" e suspender a hipótese do acontecimento como acidente emergente e auto-organizativo.

Pensamos então testar modos de tornar possível a emergência da *idiorritmia* - modos de oferecer ao Outro a possibilidade de nos etnografar a nós, de disponibilizarmos como matéria, como coisa, como combustível a alimentar um campo de forças comum, feito ao mesmo tempo da nossa (nossa e dos outros) autonomia enquanto agentes individuais e da nossa (nossa e dos outros) justa e assumida exposição a relações de co-dependência e reciprocidade. Relações estas que estão sempre a ser (re)feitas, cabendo a nós (a nós e aos outros) tornar o dispositivo que temos numa participação no aqui e no agora, mas também numa continuada inclinação à duração.

Convocar uma "participação" envolve oferecemo-nos, mas oferecer também as ferramentas que usamos - dizê-las, praticá-las convosco, expô-las ao vosso manuseamento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. London/Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

DELEUZE, Gilles. "Um manifesto de menos". In: *Sobre o teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Milles plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

GIBSON, James. "The Theory of Affordances". In Shaw, R. & Bransford, J. (eds.) *Perceiving, Acting, and Knowing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

_____. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

_____. *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*. UK: Oxford University Press, 2005.

_____. "A cautious Prometheus? A few steps towards a philosophy of design (with a special attention to Peter Sloterdijk)". *Keynote lecture, Seminário Networks of Design*. Cornwall, 2008.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco. *Autopoiesis and cognition*. Boston: D. Reidel, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010a.

_____. "A comunidade como dissentimento". In: Dias, Bruno Peixe & Neves, José (coord.) *A política dos muitos*. Lisboa: Fundação EDP e Edições Tinta da China, 2010b.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.